

## **Cinema e a invisibilidade da pessoa com deficiência, exílios contemporâneos <sup>1</sup>**

Cláudia Linhares Sanz,<sup>2</sup> Clara Mar<sup>3</sup> e Mariana Sardinha Barros<sup>4</sup>

Universidade de Brasília e Federação Nacional das APAES (FENAPAES)

### **RESUMO**

A partir de escrita ensaística e análise qualitativa, apresentamos aqui parte da pesquisa acerca da invisibilização da pessoa com deficiência no cinema. Colocamos em diálogo trechos de filmes, perspectivas teóricas como as de Norden (1994) e Samuels (2014), e depoimentos de produtores, atores e pesquisadores com deficiência. Trata-se de discutir imagens que ainda hoje refletem e intensificam modelos biomédicos e religiosos da deficiência. Por fim, analisaremos como as imagens intervêm na naturalização de que os espectadores cinematográficos e, por extensão, as pessoas comuns fora do cinema são “pessoas sem deficiência”.

Palavras-chave: cinema; imagem da pessoa com deficiência; invisibilidade; isolamento

### **1. Introdução: pensando com o cinema contemporâneo**

Sempre tive medo de ser representada no cinema. Sempre tive medo de ver filmes em que houvesse pessoas com deficiência e, ao mesmo tempo, esse anseio sempre tomou conta de mim (...) Onde está minha existência? Em que mãos ela foi colocada? E como ela aparece? (Clara Mar, 2024)

Então, vou deixar dito: vai ter filme feito por pessoas com deficiência sim. Nós dirigimos, escrevemos, atuamos, comemos sushi, escalamos, surfamos, criamos histórias, sonhos e soluções que beneficiam vocês também. Nós estudamos, pegamos ônibus e qualificamos filmes para o Oscar. A gente não vai parar. A invisibilidade não é mais uma opção pra gente (Gonçalves, 2019: 11'58).

Daniel Gonçalves é o primeiro cineasta com deficiência que fez um longa-metragem no Brasil com lançamento comercial. Na primeira cena do filme *Meu nome é Daniel*, a plateia percebe que se trata de uma narrativa autobiográfica capaz de ultrapassar os contornos já bastantes desgastados das narrativas da vida privada que hoje amontoam os chamados “conteúdos” da produção audiovisual, seja no cinema, seja nas redes sociais ou nos programas de TV. Com esse e outros filmes, Daniel Gonçalves instaura a presença

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação (UFF), professora da Faculdade de Educação e do PPGFAC, ambos da UnB.

<sup>3</sup> Graduanda em Letras Língua Portuguesa, escritora e pesquisadora do Grupo de pesquisa (In)Vis e da pesquisa Invisibilidades da pessoa com deficiência.

<sup>4</sup> Jornalista (UFMG), mestra em Gestão do Patrimônio Cultural (PUC-GO) e graduanda em Pedagogia (UnB), pesquisadora do Grupo de pesquisa (In)Vis e da pesquisa Invisibilidades da pessoa com deficiência.

de seu corpo e de sua deficiência, como função expressiva e significativa na ampliação do ambiente da produção cinematográfica, contribuindo para diversificar, em primeiro lugar, a prática desse campo e, em consequência, afirmando, através do cinema, o direito plural e performativo de existir (Butler, 2018). Como aponta o cineasta, as pessoas com deficiência não querem estar confinadas às clausuras de suas casas ou das instituições de confinamento, elas têm direito e desejo de circular livremente, podem e querem ocupar diferentes posições, liderar, dirigir, escrever, atuar e “qualificar filmes para o Oscar”, como afirma sua fala utilizada como epígrafe de nosso texto.

Circular livremente no regime de imagens contemporâneo supõe uma presença múltipla que seja compatível com a multiplicidade que constitui a categoria “pessoa com deficiência”. De fato, quando falamos de pessoas com deficiência no Brasil, nos referimos a 18,6 milhões de pessoas (IBGE 2023). No âmbito mundial, são quase um bilhão de pessoas (ONU, 2017). Residentes de regiões diversas, integrantes de culturas variadas, distintas faixas econômicas e etárias, com tipos e níveis variados de deficiências. De modo algum, um grupo homogêneo de pessoas: o que talvez possa ser comum a essas pessoas seja o fato de elas lidarem com “valores sociais estigmatizantes e riscos debilitantes, socialmente construídos” (Longmore e Umansk, 2001: p.12). Sob a perspectiva social da deficiência, aliás, não é o indivíduo, suas características físicas, habilidades ou inabilidades que definem se uma pessoa faz ou não parte desse grupo. A categoria da deficiência refere-se menos às pessoas e mais às sociedades – aos processos sociais, históricos, econômicos e culturais que definiram, regulamentaram e controlaram as maneiras de pensarmos as variações físicas e mentais do humano a partir de um corpo entendido como normal (Davis, 1995).

De fato, para a imagem da pessoa com deficiência se verter em processo de visibilidade e reconhecimento social é necessário desafiar, também no cinema, os lugares que foram definidos para elas como os únicos possíveis. Esse é o tema da pesquisa que dá base para o trabalho que apresentamos aqui. Iniciada entre setembro de 2022 e ainda em andamento, nossa investigação identifica que a consolidação de uma produção cinematográfica plural que inclua as pessoas com deficiências não está circunscrita à abordagem do tema deficiência. Embora haja avanços na inclusão de grupos tradicionalmente excluídos do regime de imagens contemporâneo, as pessoas com deficiência parecem estar ainda bastante apartadas das telas, grandes ou pequenas. Como

Gonçalves denuncia, se o tema da deficiência mal aparece, quando o faz está geralmente vinculado à perspectiva de quem não tem deficiência, criando muitas vezes narrativas absolutamente irreais: “*Blackface* não é mais aceitável, mas *crip-face* ainda rola com frequência!”<sup>5</sup> O que Daniel demonstra é que a (in)visibilidade da pessoa com deficiência é fruto das dinâmicas entre imagens que existem mas não circulam, imagens que circulam mas que operam na invisibilização, imagens que não existem e as que, existindo, intensificam lógicas de isolamento e segregação.

Em escrita ensaística e análise qualitativa, apresentamos, nesse trabalho, parte da pesquisa em desenvolvimento (In)visibilidades das pessoas com deficiência no regime contemporâneo de imagens.<sup>6</sup> Colocamos aqui, em diálogo, a teoria – a partir de autores como Norden e Samuels –, depoimentos de produtores, atores e pesquisadores com deficiência, e comentários sobre o filme *Pódio para Todos* (2020). Trata-se de discutir especialmente duas formas através das quais os processos de invisibilização se efetivam pelas imagens, no cinema: quando refletem e intensificam modelos históricos de interpretação, biomédicos e religiosos; e quando as imagens acabam por intervir na naturalização de que os espectadores cinematográficos e, por extensão, as pessoas “comuns” fora do cinema são “pessoas sem deficiência”.

## 2. A deficiência, identidade trágica: atualização de modelos no cinema atual

A deficiência parece sempre ter aparecido no cinema carregada de pretextos, de modelos. A deficiência, ainda. Mas meu incômodo está relacionado também com algo anterior à deficiência. Alguém, melhor dizendo. A pessoa. Quando vejo filmes com personagens com deficiência, tenho a sensação de que a deficiência é sempre o tema central dos filmes, e a personagem é acessório (Clara Mar, 2024).

Segundo Clara Mar (2024), muito raramente personagens com deficiência aparecem na tela sem que sua deficiência seja a grande definidora de seu caráter. A deficiência aparece como identificação primeira, fixa, que se sobrepõe a todas as outras características da personagem. Nesse mesmo sentido, Ellen Samuels (2014) defende que o cinema tem sido, desde sua invenção, maneira de criar e implantar o que chamou de fantasia da identificação – fantasia que, sem parecer obra da imaginação, sem revelar ser

---

<sup>5</sup> A prática do *blackface* (pintar atores brancos de pretos para eles interpretarem personagens negros) foi usada durante muitos anos no teatro e no cinema.

<sup>6</sup> A pesquisa foi desenvolvida na Universidade de Brasília, coordenada pelas Profs. Cláudia Linhares Sanz e Fátima Vidal e com apoio logístico, técnico e financeiro da Fenapaes (Federação Nacional das APAES). O filme *Pódio para Todos* (2020) faz parte da seleção de 15 filmes realizada nas plataformas de streaming. Mais informações em <https://projfenapaes.wixsite.com/in-visibilidades>.

dispositivo do poder, localiza e fixa a identidade social justamente nos corpos ou, em outras palavras, no domínio da biologia (2014). Para a autora, essa fantasia, costurada às noções de gênero, raça e deficiência, começa a tomar forma durante a segunda metade do século XIX e se atualiza hoje inclusive através do cinema contemporâneo.

Segundo o ator Giovanni Venturini, a despeito de suas pluralidades, as imagens da pessoa com deficiência se mantêm confinadas a lugares demarcados, como os de comicidade. Para ser contratado e estar na tela, admite o ator com nanismo, precisou se submeter inúmeras vezes a interpretar a personagem “anão”: aquele de “tamanho muito abaixo do normal (...) mirrado, raquítico e enfezado (...) que ou o quê apresenta inteligência ou cultura insignificantes (...)” (Venturini, 2020), como ele denuncia em seu espetáculo *A não ser*.<sup>7</sup> Esses lugares demarcados, nos termos usados por Venturini, são muito frequentemente ecos de modelos tradicionais que vieram, ao longo da história, consolidando formas de ver as pessoas com deficiência. Aparecem como espécies de fantasmas dessa história entrelaçada entre cinema e formas globais de ver a deficiência, ganhando, entretanto, sentidos atuais, vinculados às formas do capitalismo contemporâneo.

No documentário produzido pela Netflix, *Rising Phoenix*, em português *Pódio para Todos* (Bonhôte e Ettetdgui, 2020), Jean-Baptiste Alaize, paratleta de salto em distância, compara os atletas paraolímpicos aos vingadores da Marvel: “somos super-heróis, pois todos conhecemos a tragédia. Todos vivenciamos algo que impediu nosso sucesso. E é daí que vem nossa força. A vida é uma luta. Queremos salvar o mundo” (op. cit. 1’05’’). Nesse breve trecho do depoimento de Alize, é possível identificar as dinâmicas complexas que atravessam as atuais formas de ver a deficiência. Se, por um lado, seu depoimento sensibiliza a plateia para não ver deficiência como impedimento para o desenvolvimento de capacidades e desempenho, por outro, submete essa sensibilidade à conexão da deficiência (como tragédia, exceção, doença) com o heroísmo (de superar tal evento para se integrar socialmente). Assim também como em outros momentos do filme, a “visibilização da pessoa com deficiência de um jeito único” (objetivo do filme segundo seus produtores, 2020b: 38) está carregada de torções contemporâneas de modelos tradicionais, biomédicos e religiosos, como tratou Clara Mar

---

<sup>7</sup> Monólogo exibido no Itaú Cultural: <https://ims.com.br/eventos/a-nao-ser-com-giovanni-venturini-ims-paulista/>.

(2020) no trecho utilizado como uma de nossas epígrafes. O modelo biomédico, também referido como “modelo da tragédia pessoal” (Letšosa e Retief, 2018, p.3), interpreta a deficiência como falha biológica individual, patologia, reforçando não apenas que há déficit em relação ao corpo normal, mas também que ele deve ser curado pela medicina. No modelo religioso, a deficiência assume lugar de castigo divino, outro tipo de tragédia que, nesse caso, pode suscitar mais terror do que piedade. No filme, a conexão da deficiência com a tragédia, heroísmo e superação se articula ainda com a forma espetacularizada do sucesso, tema que migra hoje das lógicas do alto rendimento para as mais variadas esferas cotidianas, desde as redes sociais aos rankings escolares. De fato, é como se tal sucesso fosse responsabilidade dos indivíduos, como avalia o atleta paraolímpico de arco, Matt Stutzman: “mesmo sem braços, ainda posso fazer tudo que os outros fazem. Só preciso tentar” (2020: 22’57’’).

Por essa ótica, o filme atrai, emociona e engaja o público (principalmente aquele sem deficiência), reforçando a pragmática de que os personagens com deficiência geralmente aparecem em cenários de extraordinariedade – sempre encharcados de melodrama<sup>8</sup>. Uma das consequências desse tipo de abordagem é o isolamento da pessoa com deficiência, separação física ou simbólica do resto da sociedade. Dessa ilha, o personagem com deficiência parece estar fora e contra o mundo. Ele não está à margem – já que quem está à margem tem um lado de terra por onde adentrar. Numa ilha, o contato com outras vidas se exime.

### 3. Brevíssimas conclusões

Em uma sala gélida e escura, cheia de gente desconhecida, o que passa na tela precisa, de algum modo, te envolver. Caso contrário, você se perde. E para envolver, é necessário, de algum modo, reconhecer. Não há envolvimento sem reconhecimento, pois é o que nos aproxima e o que nos atrai. E quando se trata de filmes com personagens com deficiência, eu raramente sinto atração (Clara Mar, 2024).

Na dinâmica espectador e personagem, a pessoa com deficiência parece estar frequentemente contra o mundo, isolada do espectador natural do cinema. O que a separa do mundo do espectador não pode sequer ser chamado de margem, já que a margem oferece caminhos de terra por onde adentrar. Ela está exilada numa espécie de ilha,

---

<sup>8</sup> Segundo Xavier (1998), associado a um “maniqueísmo adolescente, o melodrama se desenha sendo (...) a modalidade mais popular na ficção moderna, aparentemente imbatível no mercado de sonhos e de experiências vicárias consoladoras”.



cercada de distâncias onde o contato com outras vidas se exime. No continente, a câmera e o espectador. No continente, o público “normal” e implícito que afirma sua normalidade fazendo uma espécie de expatriação forçada, exílio ao modo contemporâneo, expulsão que só pode ser modificada por aqueles que lutam, pelos heróis, vencedores, resilientes, persistentes e inspiradores, como os atletas paraolímpicos.

Logo no início do filme, um dos organizadores dos Jogos Paralímpicos de Londres deixa claro: “queríamos mudar a forma como as pessoas enxergavam pessoas com deficiência” (2020, 05’43’’). Que pessoas? Seria preciso detalhar as lutas e os desafios do cotidiano dos paratletas se os espectadores implícitos fossem pessoas com deficiência? Como vimos, a consolidação de um cinema plural supõe gestos que criem novas formas de fazer ver e deixar de ver, novas maneiras de fazer falar e de deixar de falar – supõe incorporar a presença e a perspectiva da pessoa com deficiência em diversos níveis da realização cinematográfica, produzindo novas potências de variação, instauradas através de múltiplas formas, como, por exemplo, da inscrição de temporalidades, instauração de pontos de vistas, montagens sonoras e outras formas de tornar indissociáveis as dimensões estéticas, políticas e éticas do cinema.

### Referências

- BONHÔTE, I. e ETTEDGUI, P. Pódio para todos. Reino Unido e Irlanda do Norte, 2020.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e políticas das ruas: notas de uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.
- DAVIS, J. *Enforcing normalcy: disability, deafness, and the body*. NY: Verso, 1995.
- GONÇALVES, Daniel. Meu nome é Daniel. Brasil, 2018.
- GONÇALVES, Daniel. Precisamos contar nossas próprias histórias| TEDxUnisinos. Disponível em [www.youtube.com/watch?v=kITqrqVMKaU](http://www.youtube.com/watch?v=kITqrqVMKaU). Acesso em 03/03/24.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023). Pessoas com deficiência 2022: PNAD. IBGE, 2023.
- LONGMORE, Paul K. e UMANSKY, Lauri (eds). *The New Disability History: American Perspectives*. New York and London: New York University Press, 2001.
- MAR, Clara. O medo do cinema. Depoimento realizado para a pesquisa em 19 de abril de 2024.
- NORDEN, M. *The cinema of isolation: a history of physical disability in the movies*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1994.
- ONU. “Disability and development report”. New York, United Nations, 2017.
- RETIEF, M. & LETŠOSA, R., ‘Models of disability: A brief overview’, *HTS Theologese Studies/Theological Studies*, 74(1), 2018.
- SAMUELS, Ellen. *Fantasies of Identification: Disability, Gender, Race*. New York: New York University Press, 2014.
- VENTURINI, Giovanni. Arte e acesso. Disponível em [www.youtube.com/watch?v=YSuh4dyFMkA](http://www.youtube.com/watch?v=YSuh4dyFMkA). Acesso em 03/03/24.
- \_\_\_\_\_. (2020), Monólogo exibido no Itaú Cultural. Informações disponíveis em <https://ims.com.br/eventos/a-nao-ser-com-giovanni-venturini-ims-paulista/>.
- XAVIER, Ismail. *Melodrama ou a sedução da moral negociada*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 31 de maio de 1998.